

Cleiton de Oliveira, o amigo que se foi muito cedo

AFRÂNIO MENDES CATANI

<https://orcid.org/0000-0003-0656-3931>

Universidade de São Paulo

Faculdade de Educação

São Paulo, SP, Brasil

Conhecia Cleiton de Oliveira desde que ele tinha exatos 40 anos. Particpei de um processo seletivo que fez com que eu me tornasse professor na Faculdade de Educação da UNICAMP em meados dos anos 1980, e ele integrou a banca examinadora.

Algumas coisas nos separavam e quase tudo nos unia. Mas isso só fui percebendo aos poucos, pois permaneci apenas dois anos na UNICAMP. Vou falar do que nos unia, que é muito mais divertido e, talvez, permita melhor destacar a grande figura humana e bem humorada que ele era, apesar de rabugento como eu – Epa! Falei que ia falar do que era bom: apesar de rabugentos, acho que somos divertidos...

Cleiton me contou das dificuldades que enfrentou ao longo da vida para chegar aos postos de professor universitário na UNIMEP e na UNICAMP – leio em um dos obituários que também lecionou no Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL) e na Universidade de Sorocaba (UNISO) –, além de episódios vivenciados enquanto desempenhou as funções de Secretário da Educação do município de Santa Bárbara d’Oeste, localizado a menos de 30 km de Piracicaba, onde foi criado. Eu conhecia bem Santa Bárbara, pois tive um tio, o “Padre Luís”, como era chamado, que foi vigário na cidade durante muitos anos, até que o mal de Parkinson o obrigou a se recolher precocemente de suas atividades eclesíásticas.

Depois participamos de dezenas de atividades juntos, compreendendo defesas de dissertações de mestrado, de teses de doutorado, de concursos públicos, de comitês científicos da ANPAE e da ANPED, aí implicando dias e noites fora de casa, hospedagem nos mais diversos hotéis e intermináveis trocas de ideias noturnas. Como ele havia trabalhado muitos anos em Piracicaba, falávamos mal da cidade, das autoridades, de colegas chatos. Em compensação, eu dizia que o melhor de Santa Bárbara... era ele! Ríamos muito, em especial após alguns copos esvaziados. Psicanálise também integrava o cardápio das conversas (ele era analisado), além de menções às relações familiares, às pesquisas que desenvolvíamos, aos respectivos empregos etc.

Relativamente reservado e dotado de fina ironia, adorava entrar no jogo de bom humor que às vezes fazíamos. Vale a pena relatar acontecimento que se prolongou por meses, envolvendo bancas de concursos que compartimos. Na esteira da promulgação da Constituição Federal de 1988, a UNESP fez interpretação que a Justiça do Estado de São Paulo julgou improcedente: efetivou, por decreto, centenas de professores. Consequentemente, tais efetivações foram anuladas e os docentes obrigados a realizar seus respectivos “concursos de efetivação”. E lá fomos, Cleiton e eu, integrar várias dessas bancas em distintos *campi* unespianos. Ele, animado, irônico, se apresentava aos docentes locais, sabendo o que eu iria falar. Ele dizia: – Prazer, Cleiton! Eu emendava: – Prazer, Cleidir! Ríamos muito com o desconcerto momentâneo dos interlocutores e nos dirigíamos ao presidente da banca para o início dos trabalhos.

Até 2009 ou 2010 nos falávamos a cada duas ou três semanas por telefone. Era sempre eu que ligava e dizia que a chamada era a cobrar. Ele invariavelmente respondia que a sociedade de benemerência se situava em Piracicaba. Aos poucos, tais telefonemas foram se escasseando; a vida foi fazendo com que cada um de nós corrêsemos para direções nem sempre coincidentes fisicamente para o exercício de nossas atividades. Quando nos encontrávamos, ele sempre tinha uma palavra ou situação divertida para dizer.

A última vez que liguei deve ter sido em meados de 2020, e achei sua voz cansada. Mas ele disse que estava tudo bem. Não tive coragem de especular, senti certo aperto no coração.

Não posso deixar de registrar que nunca vi Cleiton se recusar a participar de uma banca, de evitar de dar um parecer, de não querer proferir uma palestra, de dizer não quando convidado para organizar um evento ou simpósio. Rigoroso, engajado, defensor das políticas públicas voltadas à democratização do ensino, sempre que possível dava um jeito de atuar a favor de formas que favorecessem a municipalização da educação – temática que o tocava profundamente.

Bem, paro por aqui. Vou tentar achar o DDD de onde o Cleiton se encontra, ligar a cobrar e dar-lhe uma bronca daquelas! Onde já se viu ir embora assim, sem se despedir da gente?

São Paulo, maio de 2021.

Afrânio Mendes Catani é professor livre-docente na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, pesquisador do CNPq e amigo de Cleiton durante várias gestões. E-mail: amcatani@usp.br